

# Reportagens de ideias, uma contribuição de Foucault ao jornalismo

Beatriz Marocco

**Resumo:** Michel Foucault (1926-1984) denominou "reportagens de ideias" uma série de reportagens que fez no Irã em 1978 para o jornal italiano *Corriere della Sera*. Nosso objetivo no presente texto é descrever primeiramente como estas se relacionaram com a intenção de Foucault de enriquecer as práticas jornalísticas com um olhar local e crítico, do intelectual que testemunha o "nascimento das ideias". Em um segundo movimento, avançamos na descrição de um tipo de fonte que se afastou dos atributos de autoridade, produtividade e credibilidade que são reconhecidos pelo jornalismo hegemônico. Em Teerã e Qom, dezenas de iranianos que Foucault encontrava nas ruas forneceram informações sobre o que não era dito pelos jornais do Ocidente. Já nas ações do Grupo de Investigações sobre as Prisões (GIP), Foucault foi para frente dos presídios em dias de visita entrevistar familiares de presos sobre a situação intolerável dos presídios franceses. Além do jornalismo, em outra dimensão das duas ações, ele esperava proporcionar esclarecimento e capacidade de intervenção em sua própria realidade aos indivíduos que ganharam a condição de fontes.

**Palavras-chave:** Jornalismo, Foucault, fonte jornalística, reportagem.

**Abstract:** *'Reportage d'idées', Foucault's contribution to journalism.* Michel Foucault (1926-1984) called the series of reports he made in Iran in 1978, which were published by the Italian newspaper *Corriere della Sera*, "reportages d'idées". Our objective here is, firstly, to describe how he intended to enrich journalistic practices through the local and critical lens of the intellectual who witnesses the "birth of ideas". Our second objective is to describe the type of source that moved away from the attributes of authority, productivity and credibility adopted by hegemonic journalism. In Tehran and Qom, dozens of Iranians supplied him with information about issues that Western newspapers shied away from. During the actions of the Prison Information Group (Groupe d'Information sur les Prisons), Foucault stood in front of prisons to interview the family members of prisoners about the "intolerable" situation of the French prisons. Besides journalism, in another dimension of these actions he hoped to provide the individuals who agreed to be sources with clarification and the ability to intervene in their own reality.

**Keywords:** Journalism, Foucault, journalistic source, report.

C'est peut-être la première grande insurrection contre les systèmes planétaires, la forme la plus moderne de la révolte et la plus folle (Foucault, 1978)

Michel Foucault (1926-1984) denominou "reportagens de ideias" a uma série de reportagens que fez no Irã em 1978<sup>1</sup>. Dois anos antes, ele havia assinado um protesto, junto com Sartre, Simone de Beauvoir e Gilles Deleuze, entre outros intelectuais, publicado no jornal *Le Monde*, contra "o silêncio das autoridades francesas diante das flagrantes violações dos direitos humanos no Irã". Nesta fração tão curta de tempo, a repressão do Exército iraniano foi tão intensa quanto a revolta popular contra a monarquia do Xá. No começo de setembro de 78, somente durante a "sexta-feira negra", houve quatro mil mortos. Em Paris, uma manifestação de protesto contra o massacre foi organizada pela Liga dos Direitos Humanos, pelos sindicatos e partidos de esquerda (Eribon, 1990, p. 261). Dias mais tarde, já em território iraniano, Foucault escreveu as primeiras impressões ao chegar ao hotel. "Se você chegar depois do toque de recolher, um táxi o levará a toda velocidade pelas ruas da cidade: elas estarão vazias<sup>2</sup>" (Foucault, apud Eribon, 1990, p. 263).

O que estava ocorrendo no Irã não encontrava eco nas páginas dos jornais. O que era silenciado pelas versões dramáticas que chegavam ao Ocidente? Como a "Revolução Islâmica" podia se produzir sem relação com uma potência estrangeira e levantar uma nação inteira, apesar das distâncias entre as cidades e das dificuldades de comunicação? Certamente, o que levou Foucault a aceitar o convite do diário italiano *Corriere della Sera* para que fosse ao Irã escrever artigos contendo a sua visão sobre o que se passava naquele país, não foi somente a possibilidade de descrever o acontecimento de 1978-79 de outro modo, como o fez. A exploração de um acontecimento do presente que nos cerca, na linha da "acontecimentalização"<sup>3</sup>, como trabalhava a história, poderia colocar em jogo, para além do jornalismo, mais uma vez, a sua concepção de poder, que não se esgota na análise tradicional dos aparelhos de Estado: "Essa coisa enigmática, a um só tempo visível e invisível, presente e escondida, investida em toda parte", e de "sistema de poder", que barra, interdita e invalida o discurso das massas (Foucault, 2006, pp. 2, 39, 43; Eribon, 1990, p. 266). O papel da mídia na circulação de ideias também o inquietava.

<sup>1</sup> Algumas ideias deste texto foram apresentadas no VI Sopcom.

<sup>2</sup> Essas linhas constituíam o final do artigo que saiu no *Corriere* em 1º de outubro, mas foram cortadas (com o consentimento de Foucault) porque o artigo estava longo demais (Eribon, 1990, p. 326).

<sup>3</sup> A acontecementalização foi entendida por Foucault como a direção em que ele procura trabalhar a história e um procedimento de análise útil centrado no acontecimento; o que importa é a solidez discursiva do acontecimento. Nas proximidades da história filosófica de Kant e da crítica política, se diferencia do trabalho dos "historiadores que não gostam muito dos acontecimentos" e que, na mão inversa, se dedicam ao que lhe é mais exterior; fazem a "desacontecimentalização": "Há muito tempo que os historiadores não gostam muito dos acontecimentos, e fazem da 'desacontecimentalização' o princípio da inteligibilidade histórica. Eles o fazem ao referir o objeto de sua análise a um mecanismo, ou a uma estrutura que deve ser o mais unitário possível, o mais necessário, o mais inevitável possível, enfim, o mais exterior à história possível. Um mecanismo econômico, uma estrutura antropológica, um processo demográfico, como ponto culminante da análise – eis, enfim, a história desacontecimentalizada" (Foucault, 2006, p. 341).

Segundo Eribon, quem conviveu com Foucault nesta época lembra que "ele se questionava muito sobre o papel dos jornais na circulação das ideias e principalmente sobre a confusão generalizada dos valores" (1990, p. 273).

No exercício do jornalismo, Foucault realizou dezenas de entrevistas em lugar dos artigos culturais ou filosóficos, que se poderia esperar dele, mas "que não tinha vontade de redigir". Assim, enquadrou-se às características do jornalismo: o ritmo, os processos de produção e publicização e, simultaneamente, rompeu com o modo de fazer jornalístico enquanto esse explora alguns elementos da superfície do acontecimento, se inscreve na norma, se pauta pela escuta de certas fontes e por regras específicas (Eribon, 1990, p. 261). O que ele pretendia, com isso, mais concretamente, era "assistir ao nascimento das ideias e à explosão de sua força" (*Corriere della Sera*, 12/11/1978, in *Ilha do Presídio*, 2008, p. 50). Para isso, deixará de lado os círculos intelectuais e as lideranças da sociedade, entre outros segmentos já cristalizados pelo jornalismo na posição de fontes de grande credibilidade, pelas minorias e os povos que a história não deixava falar:

Sigamos rapidamente o que nós concebemos como reportagem de ideias. Alguns dizem que as grandes ideologias estão para morrer, outros que elas nos fazem submergir em sua monotonia. O mundo contemporâneo, ao contrário, fervilha de ideias que nascem, se agitam, desaparecem ou reaparecem e que abalam as pessoas e as coisas. E isso não somente nos círculos intelectuais ou nas universidades da Europa, mas em escala mundial e entre as minorias ou entre os povos que a história até hoje não deixou falar nem se fazer escutar (*Corriere della Sera*, 12/11/1978, in *Ilha do Presídio*, 2008, p. 50).

Antes de viajar ao Irã, Foucault consultou diversas fontes. Nada além do que faria um bom repórter durante o tempo de planejamento para uma viagem. Encontrou-se diversas vezes com Ahmad Salamatian, iraniano exilado em Paris, que pertencia ao movimento da Frente Nacional. Salamatian forneceu a Foucault livros, documentos, endereços e contatos. Em Teerã, encontrou-se com militantes da oposição democrática, com líderes da oposição, com estudantes, homens da rua, jovens islâmicos nos cemitérios, onde as reuniões eram permitidas, na universidade, e nas portas das mesquitas.

Nas ruas de Teerã e Qom, Foucault evitou falar com políticos profissionais, entrevistou religiosos, intelectuais, e, para todos eles, repetiu a mesma pergunta: "O que você quer?"; e recebeu de quatro entre cinco entrevistados a mesma resposta que o aiatolá Khomeini havia dado a jornalistas em seu exílio em Paris: "Um governo islâmico" (*À quoi rêvent les Iraniens'*, in *Dits et Ecrits*, vol. III, 1994, pp. 690-691). Para uma entrevista com o aiatolá Shariat Madari, cuja residência em Qhom foi refúgio de muitos militantes dos Comitês de Defesa dos Direitos Humanos, Foucault e Thierry Voeltzel enfrentaram a estrada e os soldados armados de metralhadora que vigiavam a rua (Eribon, 1990, p. 264).

Foucault viajou duas vezes ao Irã. Ao voltar a Paris ao final da primeira viagem, redigiu quatro artigos, que misturam detalhes e incidentes marcantes com reflexões que

serão publicadas no *Corriere della Sera* entre 28 de setembro e 22 de outubro de 1978. Em um deles, "Le shah a cent ans de retard", que havia intitulado no topo do original "Le poids mort de la modernisation" ("O peso morto da modernização"), ele critica a tentativa de modernização à europeia dos países islâmicos, sugere que não se fale mais na Europa dos acertos e erros do Xá como de um soberano demasiado moderno para um país demasiado velho e conclui:

Alors, je vous en prie, ne nous parlez plus en Europe des heurs et malheurs d'un souverain trop moderne pour un trop vieux pays. Ce qui est vieux ici en Iran, c'est le chah: cinquante ans, cent ans de retard. Il a l'âge des souverains prédateurs, il porte le rêve vieillot d'ouvrir son pays par la laïcisation et l'industrialisation. L'archaïsme aujourd'hui, c'est le projet de modernisation, ses armes de despote, son système de corruption. L'archaïsme, c'est "le regime" ("Téhéran: la foi contre le chah", in *Dits et Écrits*, v. III, 1994, p. 683)<sup>4</sup>.

Na segunda viagem que fez ao Irã, Foucault conversou com representantes de diversas categorias de trabalhadores em greve: encontrou pessoas das classes médias, como um piloto da Air Iranian, em seu moderno apartamento em Teerã, e entrevistou operários da refinaria de Abada, cidade a mil quilômetros ao sul da capital. Mais quatro artigos foram publicados em novembro de 1978 no *Corriere*. Neles, Foucault define o movimento iraniano e o silêncio estratégico do Ocidente sobre a insurreição destes "trabalhadores do petróleo" que suportavam o peso do mundo inteiro:

Quand je suis parti d'Iran, la question qu'on me posait sans cesse était bien sûre: "Est-ce la révolution?" [...]. Je n'ai pas répondu. Mais j'avais envie de dire: ce n'est pas une révolution, au sens littéral du terme: une manière de se mettre debout et de se redresser. C'est l'insurrection d'hommes aux mains nues qui veulent soulever le poids formidable qui pèse sur chacun de nous, mais plus particulièrement, sur eux, ces laboureurs du pétrole, ces paysans aux frontières des empires: le poids de l'ordre du monde entier. C'est peut-être la première grande insurrection contre les systèmes planétaires, la forme la plus moderne de la révolte et la plus folle ("Le chef mythique de la révolte de l'Iran", in *Dits et Écrits*, vol. III, 1994, p. 716)<sup>5</sup>.

E o papel desta figura "quase mítica" do aiatolá Khomeini:

<sup>4</sup> Então, eu peço a vocês que não falem mais na Europa das felicidades e infelicidades de um soberano muito moderno para um velho país. O que é velho aqui no Irã é o xá: cinquenta anos, cem anos de atraso. Ele tem a idade dos soberanos predadores, ele carrega o sonho de abrir o seu país para a laicização e a industrialização. O arcaísmo hoje é o projeto de modernização, suas armadas de despota, seu sistema de corrupção. O arcaísmo é o regime (tradução do autor).

<sup>5</sup> Quando eu parti do Irã, a questão que me colocava sem cessar era: "Isto é uma revolução?" Eu não respondi. Mas tenho o desejo de dizer: isto não é uma revolução, no sentido literal da palavra: uma maneira de se colocar de pé e se perfilar. Esta insurreição de homens com as mãos nuas que querem levantar o peso formidável que pesa sobre cada um de nós, mais particularmente, sobre eles, esses trabalhadores do petróleo, esses camponeses das fronteiras dos impérios: o peso da ordem do mundo inteiro. Essa pode ser a primeira grande insurreição contra os sistemas planetários, a forma mais moderna da revolta e a mais louca (tradução do autor).

Aucun chef d'État, aucun leader politique, même appuyé sur tous les medias de son pays, peut aujourd'hui se vanter d'être l'objet d'un attachement aussi personnel et aussi intense. Ce lien tient sans doute à trois choses: Khomeini n'est pas là: depuis quinze ans, il vit dans un exil don't lui-même ne veut revenir qu'une fois lè chah parti; Khomeini ne dit rien, rien d'autre que non – au chat, au regime, à la dépendance; enfin, Khomeini n'est pas um homme politique: il n'y aura pas de parti de Khomeini, il n'y aura pas de gouvernement Khomeini. Khomeini est le point de fixation d'une volonté collective ("Le chef mythique de la révolte de l'Iran", in *Dits et Écrits*, vol. III, 1994, p. 716)<sup>6</sup>.

## O papel do intelectual

Quando se tornou alvo de uma série de ataques da intelectualidade francesa por seu envolvimento no Irã, Foucault escreveu dois ou três artigos em que descreve a sua ação de jornalista. Neles, disse que o interesse pelo processo coletivo poderia ser resumido no termo "espiritualidade política", que, em outras palavras, condensava "uma história sonhada que era tão religiosa quanto política". A espiritualidade que reuniu os indivíduos que se insurgiram e escolheram morrer por uma causa, segundo Foucault, não poderia ser reduzida ao que veio depois, com o "governo sangrento de um clero fundamentalista" (in "É inútil revoltar-se", *Ditos e escritos*, vol. V, p. 79).

Em 16 de outubro, a versão condensada do seu trabalho no Irã, publicada no *Le Nouvel Observateur*, em que Foucault menciona a "espiritualidade política", termina assim:

Quel sens, pour les hommes qui l'habitent, à rechercher au prix même de leur vie cette chose dont nous avons, nous autres, oublié la possibilite depuis la Renaissance et les grandes crises du christianisme: une spiritualité politique. J'entends déjà des Français qui rient, mais je sais qu'ils on tort (Foucault, "À quoi rêvent les Iraniens", in *Dits et Ecrits*, vol. III, 1994, p. 694)<sup>7</sup>.

Em outras palavras, como está escrito em "É Inútil Revoltar-se?", a insurreição foi uma singularidade histórica que foi compreendida por ele em si mesma e no momento de seu acontecimento, independentemente do seu desdobramento. O papel do intelectual e da moral teórica que lhe deu consistência naquele ato de reconhecimento do presente, neste sentido, não pertence ao que pode ser entendido como domínio das estratégias da política.

<sup>6</sup> Nenhum chefe de Estado, nenhum líder político, mesmo apoiado sobre toda a mídia de seu país pode, hoje, se vangloriar de ser o objeto de um vínculo tão pessoal e tão intenso. Esta ligação tem, sem dúvida, três motivos: Khomeini não está lá: ele vive há quinze anos no exílio do qual ele mesmo não deseja sair antes da queda do xá; Khomeini não diz nada mais do que não – ao xá, ao regime, à dependência; enfim, Khomeini não é um homem político: não haverá um partido de Khomeini. Não haverá um governo Khomeini. Khomeini é o ponto de fixação de uma vontade coletiva (tradução do autor).

<sup>7</sup> Que sentido esses homens que moram ali estão buscando ao preço mesmo de sua vida, um sentido cuja possibilidade nós esquecemos depois do Renascimento e das grandes crises do cristianismo: uma espiritualidade política. Eu já entendo os franceses que riem, mas eu sei que eles estão errados (tradução do autor).

Trata-se de uma atitude "antiestratégica" que, como dissera no *Le Nouvel Observateur* (citação anterior), poderia ser motivo de "riso" para os franceses:

...ser respeitoso quando uma singularidade se levanta, intransigente quando o poder infringe o universal. Escolha simples, tarefa difícil: pois é preciso ao mesmo tempo ver um pouco abaixo da história o que a rompe e a agita e vigiar um pouco atrás da política o que deve limitá-la incondicionalmente. Afinal, é meu trabalho: não sou nem o primeiro nem o último que o faz. Mas eu o escolhi (Foucault apud D. Eribon, p. 270).

Desde tal atitude, o jornalismo foi o domínio mais adequado para o trabalho de Foucault. A atualidade dava, assim como segue proporcionando, consistência epistemológica ao jornalismo e não se apresentava como uma impossibilidade à produção de um conhecimento crítico sobre os acontecimentos. Ao contrário, o "agora" era onde Foucault queria se movimentar. Nas ações relacionadas ao Irã, ao intelectual também não correspondia um espaço específico e bem localizado nos gêneros de opinião, nem um campo específico, seja ele jornalismo, história, filosofia, mas o âmbito das práticas jornalísticas; há uma conjunção de campos e níveis de conhecimento e há, igualmente, reportagem.

## A reportagem de ideias

Do que já foi dito sobre reportagem destacam-se duas vertentes nos estudos de jornalismo. Em uma primeira vertente, no âmbito dos gêneros jornalísticos, a reportagem se descola da notícia e se desdobra em um sem-fim de tipos.

Outra vertente abriga as práticas e o modo de objetivação jornalística, nas técnicas de investigação e coleta de dados, redação e estilo que supõe. Tanto os gêneros quanto as reflexões sobre as técnicas são atravessados por uma tensão histórica que designa ora a proximidade com a literatura ora a pretensão de constituição de um saber autônomo regulado pela objetividade jornalística. O primeiro "repórter" brasileiro, João do Rio, foi uma figura híbrida (Medina, 1978, pp. 62-74). Nas séries de reportagens que escreveu sobre o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XIX, João do Rio pode ser identificado como um repórter que anda pelas ruas, freqüenta os espaços populares, e perde-se na multidão em busca das figuras que dão consistência à metrópole moderna (Medina, 1978, p. 72-74).

Ao mesmo tempo, na relação egocêntrica que desenvolveu com "personagens" anônimos, "caracterizados por uma presença mais ficcional que jornalística", João do Rio não obedeceu ao mesmo distanciamento em relação à fonte, que marca o repórter objetivo do "segundo jornalismo", nem as formas que se desenvolveriam posteriormente no bojo do "jornalismo interpretativo" e do "jornalismo investigativo" (Medina, 1978, p. 72-73; Lage, 2002, p. 136-139). Na década de 1960, o "novo jornalismo"

trará de volta a sombra da literatura, do que havia sido deixado no exterior do modelo disciplinar de texto jornalístico, ao defender "a utilização de técnicas literárias para o aprofundamento da realidade, a busca de essências, no sentido que essa palavra tem na filosofia alemã" (Laje, 2002, p. 140). No momento seguinte, a "reportagem de precisão" proporá a incorporação dos métodos científicos de investigação social e psicossocial à prática do jornalismo para a mesma finalidade (Meyer, 1979). Philip Meyer, com a chamada "reportagem de precisão" deu uma versão conceptual ao que o sociólogo norte-americano Robert Park havia praticado na breve carreira de repórter que marcou a sua juventude e deu consistência ao pensamento teórico que desenvolveu em meados do século passado na Escola de Chicago.

A partir do que foi dito no parágrafo anterior é possível esboçar uma tipificação da reportagem: 1. A reportagem investigativa e a reportagem interpretativa são concebidas no interior de uma racionalidade jornalística e dão conta dos procedimentos jornalísticos de apuração e das suas técnicas e estilos de relato; 2. A reportagem literária está na fronteira com a literatura e segue em diferentes graus as prescrições do novo jornalismo; e 3. A reportagem de precisão faz interface com a sociologia e as novas tecnologias de informação, com base nas ideias de Phillip Meyer (1973, 1991).

Entre a figura jornalística da reportagem e o que se liberta do cânon para formalizar um exercício subjetivo de criação, que assistimos no trabalho de João do Rio e em alguns trabalhos posteriores, somado a uma postura intelectual de compromisso com a sociedade, encontramos as reportagens que Foucault fez no Irã. Tal exercício se deu no âmbito de um projeto, que conjugou o trabalho do intelectual ao de uma pequena equipe de jornalistas, coordenada por Thierry Voeltzel, e foi reconhecido por Foucault no artigo "As reportagens de ideias", publicado originalmente no mesmo jornal no dia 12/11/1978 (in *Ilha do Presídio*, uma reportagem de ideias, 2008, p. 50-51).

Nem a reportagem nem o jornalismo eram campos estranhos para Foucault. Em pelo menos duas situações, ele se reconheceu jornalista: nas freqüentes entrevistas que concedia para refletir e fazer avançar o que havia escrito nos livros, chegou a afirmar: "Sou um jornalista". Em novembro de 1978, se diria um jornalista "neófito":

Je ne sais pas faire l'histoire du futur. Et je suis un peu maladroit à prévoir le passé. J'aimerais cependant essayer de saisir ce qui est en train de se passer, car ces jours-ci rien n'est achevé et les idées sont encore en train de rouler. C'est peut-être cela, le travail du journaliste, mais il est vrai que je ne suis qu'un néophite (Foucault, "Le chef mythique de la révolte de l'Iran", in *Dits et Écrits*, vol. III, 1994, p. 714)<sup>8</sup>.

Após as reportagens no Irã, Foucault afirmou que jornalista "não se improvisa", no longo artigo sobre A era das rupturas, de Jean Daniel. Segundo Didier Eribon, ali ele

<sup>8</sup> Eu não sei fazer a história do futuro. Eu sou um pouco inábil para narrar o que está no passado. Eu gostaria de tentar agarrar aquilo que está passando, pois nestes dias que passam nada está finalizado e as ideias estão se desenrolando. Esse é, talvez, o trabalho do jornalista, mas a verdade é que eu não passo de um neófito (tradução do autor).

deixou aparecer o gosto amargo da confissão de uma vocação frustrada e de admiração por quem domina este ofício e põe em prática a lição de Merleau-Ponty, de "nunca ficar inteiramente à vontade com as próprias evidências" (apud D. Eribon, 1990, p. 270).

## A fonte foucaultiana

Há um sem-número de tipos de fonte e três atributos fundamentais para que a fonte se constitua no seu sentido propriamente jornalístico: autoridade, produtividade e credibilidade (Traquina, 2002, p. 105). Esses atributos estão diretamente vinculados aos processos jornalísticos de apuração e redação, ao seu tempo de duração e ao enquadramento de elementos da estrutura social que possibilitam.

Pinto (2000, p. 279) identificou as fontes segundo a natureza (fontes pessoais ou documentais); origem (fontes públicas, oficiais ou privadas); duração (fontes episódicas ou permanentes); âmbito geográfico (locais, nacionais ou internacionais); grau de envolvimento nos fatos (oculares/primárias ou indiretas/secundárias); atitude face ao jornalista (fontes ativas/espontâneas ou passivas/abertas); identificação (fontes assumidas/explicitadas ou anônimas/confidenciais); metodologia ou estratégia de atuação (preventivas ou defensivas).

Lage reuniu as fontes jornalísticas em três grupos. No primeiro deles localizou as fontes oficiais, oficiosas e independentes. No segundo, as fontes primárias e secundárias e no terceiro, as testemunhas e experts que acabavam explicando os desdobramentos do primeiro grupo, i.e., a fonte oficial pode ser primária ou secundária, testemunha ou expert; a fonte oficiosas pode ter as mesmas extensões, assim como uma fonte independente (Lage, 2000, p. 63-68). As fontes oficiais estão ligadas à rede de instituições mantidas pelo estado, que têm algum poder de estado ou representação social. As oficiosas estão deste mesmo lado, mas lhes falta voz oficial, e as independentes estão desvinculadas de uma relação de poder ou de interesses bem localizados. Das três, diz Lage, as oficiais são tidas como as mais confiáveis (2000, p. 63).

No "primeiro jornalismo", de 1789 à metade do século XIX, não havia uma figura de fonte. Sob o signo da objetividade, que domina o "segundo jornalismo", marcado pela inovação tecnológica e o jornal como grande empresa capitalista (Marcondes Filho, 2000, p. 13), a fonte será condição para a existência da notícia. A fonte apagará a mediação direta entre o jornalista e as coisas do mundo; será designada como aquela que diz "isto aconteceu, isto é verdade" e não, necessariamente, "experimentei isso". Essa operação de apagamento e de impessoalidade materializa a objetividade e a fonte como auxiliar direta do jornalista. A fonte ajuda a entender, descrever e apresentar uma "visão verdadeira" dos acontecimentos da "realidade" que o jornalista não pôde ver, pois não estava ali, ou que, mesmo tendo estado presente, não poderia trazer à luz com o seu depoimento direto porque deve manter a sua posição de "neutralidade" discursiva. As fontes, de que se vale principalmente o jornalismo investigativo, ao contrário, são pouco reconhecidas publicamente e exigem mais tempo para localização e apuração.



Desde uma perspectiva foucaultiana, a fonte não corresponde à autoridade, não tem o ônus da prova, nem da verdade. Ela não se encaixa em nenhuma forma jornalística prescrita nas teorias e nos manuais de redação que sucederam os exercícios insipientes de reportagem de João do Rio. Está francamente em oposição ao modo de objetivação jornalística dos acontecimentos que, geralmente, se volta às fontes oficiais que fornecem informação rapidamente e a baixo custo, gerando efeitos de credibilidade junto ao leitor.

A fonte foucaultiana fala por conta própria, nenhuma autoridade falará em seu nome. Não ocupa um lugar determinado no texto jornalístico, em que para surtir efeitos de objetividade o jornalista oprime a fonte a um verbo dicendi (afirmar, dizer, declarar, entre outros), a uma pauta e a um modelo narrativo em que ele (jornalista) se oculta na impessoalidade. No modelo foucaultiano, a fonte participa de uma relação que se pretende libertadora e potencializará, a partir de uma capacidade reflexiva, uma maior intervenção na própria realidade para os indivíduos que assumem tal condição.

Em sua participação no Grupo de Investigação sobre as Prisões (GIP), Foucault fez um movimento de escuta em relação aos presidiários e seu entorno. "... o senhor atinou com a necessidade de que as pessoas, precisamente as internadas, se pusessem a falar por conta própria...", reconheceu Deleuze (2006, p. 38). Na época, o objetivo era transferir aos presidiários o direito e a possibilidade de falar sobre si e as prisões e pedir informações a quem, por um motivo ou outro, tinha ou havia tido uma experiência na prisão. Tratava-se de uma mudança no foco dos relatórios oficiais e nas estatísticas para instalar nas prisões um observatório com o objetivo de escutar diretamente os prisioneiros, instaurar condições para que pudessem falar por si e produzir um saber coletivo que desse lugar não mais a palavra capturada e objetivada pelo discurso de diferentes instituições (Lascoumes, 2004, p. 154-155). Essas palavras que não constavam nos relatórios oficiais, segundo o manifesto de constituição do GIP, ganharam o estatuto de "luta" nas chamadas enquetes sobre o intolerável. Foucault vai para frente dos presídios em dias de visita, toma depoimentos de familiares de presos que esperam na fila a sua hora de entrar, distribui questionários. Nas celas, as folhas do questionário circularam como se fossem panfletos, desafiando a vigilância e as ameaças de punição.

Artières reproduz o depoimento de Daniel Defert sobre a repercussão desse trabalho do GIP, dentro e fora dos presídios franceses, publicado em *La cause du peuple* em 14 de maio de 1971:

La encuesta es una lucha ella misma. Es así como lo perciben los detenidos cuando hacen circular las hojas del cuestionario en las células como si fueran panfletos, a despecho de las amenazas o puniciones. Así lo entienden aquellos que se ponen en graves riesgos haciendo entrar y salir los cuestionarios. Mezclar-se en la fila de espera, discutir, dar los cuestionarios, hablar de sí. No se trata de sociología. La policía está allí, vigila la fila de cerca: los jóvenes son rápidamente percibidos como izquierdistas, el recuerdo de la huelga de hambre no se ha borrado. Inversamente, aceptar los cuestionarios, hablar en

voz alta de la prisión, antes o después de la visita, participar en las reuniones, no es un acto simple para las familias de los detenidos, es aceptar una agrupación de gente que no tiene familiares en prisión [...], es aceptarla bajo una base política: es un acto político (in P. Artières, 2004, p. 144)<sup>9</sup>.

## Considerações finais

No Irã, Foucault voltou a se aproximar das "caixas pretas de nossa vida" (2006, p. 2). Anteriormente, nas enquetes realizadas pelo GIP, como vimos, uma das intenções era esta: o Grupo deu a palavra àqueles que tinham uma experiência de prisão para que as informações das "regiões escondidas de nosso sistema social", que não podiam ser encontradas nos relatórios oficiais sobre os presídios e a vida dos prisioneiros franceses, chegassem à população por meio da imprensa cotidiana (Foucault, 2006, p. 2). No caso do Irã, Foucault deixou muito claro que considerava um dever elementar perguntar-se por que as pessoas se deixavam matar no Irã aos gritos de "governo islâmico".

Nas duas ações, Foucault realizou movimentos simultâneos de aproximação e distanciamento do jornalismo. Tanto no GIP quanto no Irã, ele distanciou-se do jornalismo quando deu o protagonismo a um tipo de indivíduo que vale muito pouco como fonte para o jornalismo contemporâneo. Mas é no bojo das "reportagens de ideias", publicadas no *Corriere*, que ele vai se enquadrar aos procedimentos e processos jornalísticos de produção para assistir o "nascimento das ideias". Além dos contatos com jornalistas em entrevistas e colaborações regulares em *Le Nouvel Observateur*, com esta experiência ele se envolveu com as técnicas e o ritmo do jornalismo diário em ações locais de reconhecimento do presente.

Para reforçar o sentido jornalístico de sua ação no Irã, os seus textos não foram transformados em livro. Ele não quis que os textos fossem deslocados de sua natureza jornalística e reunidos em livro na Itália. "A seu ver eram reportagens, não textos destinados a compor uma obra" (Eribon, 1990, p. 268). Sua postura em relação aos trabalhos do GIP foi diferente. Havia na ação do político o interesse do teórico de revelar como o poder não se esconde e não se mascara, se mostra como tirania levada aos mais ínfimos detalhes nas prisões (Foucault, 2006, p. 41). No entanto, para evitar que os presidiários cogitassem que havia interesse especulativo em sua ação militante, ele retardou em dois

<sup>9</sup> A enquete é uma luta. É isso que os prisioneiros percebem quando fazem circular os questionários nas celas como se fossem panfletos, apesar das ameaças ou punições. Assim pensam os que se colocam em grave risco fazendo entrar e sair os questionários das prisões. Entrar nas filas de espera, debater, distribuir os questionários, falar de si. Não se trata de sociologia. A polícia está atenta, vigia a fila de perto: os jovens são rapidamente percebidos como esquerdistas, a lembrança da greve de fome não se apagou. Inversamente, aceitar os questionários, falar em voz alta sobre a prisão, antes ou depois da visita, participar de reuniões, não é um ato simples para as famílias dos presidiários, é aceitar um grupo de pessoas que não têm familiares na prisão [...], é aceitá-lo em sua base política: é um ato político (tradução do autor).

anos a escrita de Vigiar e Punir, o seu livro de teoria sobre as penas que veio corroborar que a "teoria não expressará, não traduzirá, não aplicará uma prática, ela é uma prática [...] local e regional [...]. Luta contra o poder, luta pra fazê-lo aparecer e abalá-lo ali onde ele é mais invisível e mais insidioso" (Foucault, 2006, p. 39).

## Referências

- ARTIÈRES, Pierre (2004). *La sombra de los prisioneros sobre el tejado. Las herencias del GIP*. In: D. Eribon (Org.). *El infrecuente Michel Foucault*. Buenos Aires: Letra Viva/Edelp, pp.137-152.
- DELEUZE, Gilles e FOUCAULT, Michel. (2006). *Os intelectuais e o poder*. In: Michel Foucault. *Estratégias poder e saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp.37-47.
- ERIBON, Didier (1990). *Michel Foucault. Uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 351p.
- FOUCAULT, Michel (1995). *Vigiar e punir. História da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_.(1994). *Les reportages d'idées*. In: *Dits et Écrits*, tome III. Paris: Gallimard, pp. 706-707.
- \_\_\_\_\_.(1994). *Téhéran: la foi contre le chah*. In: *Dits et Écrits*, tome IV. Paris: Gallimard, pp. 683-688.
- \_\_\_\_\_.(1994). *À quoi rêvent les Iraniens*. In: *Dits et Écrits*, tome IV. Paris: Gallimard, pp. 688-694.
- \_\_\_\_\_. (1994). *Le chef mythique de la révolte de l'Iran*. In: *Dits et Écrits*, tome IV. Paris: Gallimard, pp. 713-716.
- \_\_\_\_\_.(2006). *Os intelectuais e o poder*. In: *Ditos e Escritos IV, Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp.37-47.
- \_\_\_\_\_.(2008). *As reportagens de idéias*. In: C. Berger e B. Marocco. *Ilha do Presídio, uma reportagem de idéias*. Porto Alegre, Libretos, pp. 50-51.
- \_\_\_\_\_.(2006). *Prisões e revoltas nas prisões*. In: *Ditos e Escritos IV, Estratégia Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp.61-68.
- \_\_\_\_\_.(1999). *Qué es la Ilustracion?*. In: Michel Foucault. *Estética, Ética y Hermenéutica*, vol. III. Barcelona: Paidós, pp. 335-352.
- KANT, Immanuel (2008). Resposta à pergunta: Que é Iluminismo?, In: I. Kant, *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, pp. 9-18.
- KANT, Immanuel (1993). Questão renovada: estará o gênero humano em constante progresso para o melhor? In: I. Kant. *O conflito das faculdades*. Lisboa: Edições 70, pp. 95-112.
- LASCOUMES, Pierre (2004). Desprenderse de la palabra del poder. In: D. Eribon (Org.) *El infrecuente Michel Foucault*, pp. 153-171. Buenos Aires: Letra Viva/Edelp, pp.153-172.
- LAGE, Nilson (2002). *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- MADARASZ, Norman (2006). Foucault e a revolução iraniana: o jornalismo de ideias diante da "espiritualidade política". *Verso e Reverso*, (45), disponível em: <http://versoereverso.unisinos.br>, acessado em: 16/12/2007.
- MEDINA, Cremilda (1978). *Notícia. Um produto à venda*. São Paulo: Alfa-Omega.

MEYER, Philip (1979). *Precision journalism: a reporter's introduction to social science methods*. Bloomington: Indiana University Press.

\_\_\_\_\_.(1991). *The new precision journalism*. Bloomington: Indiana University Press.

PINTO, Manuel. (2000) Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. *Comunicação e sociedade 2, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação*, Vol. 14 (1,2): pp. 277-294.

TRAQUINA, Nelson (2002). *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Editora Unisinos.

VARELA, Julia e ÁLVAREZ-URÍA, Fernando. [trad. e edição] (2000). *Michel Foucault. Estratégias de poder*. Barcelona: Paidós.

BEATRIZ MAROCCO é jornalista, pesquisadora e professora do PPGCC da Unisinos. Autora de *Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico* (2004); co-organizadora de *A era glacial do jornalismo, Teorias Sociais da Imprensa* (2 vol., 2006, 2008).

bmarocco@unisinos.br

*Artigo recebido em junho  
e aprovado em novembro de 2009*